

D e u s N ã o T e m N a d a C o m I s s o

Diário De Navegação Da Palavra Escrita Na América Latina

– *Fragmentos* –¹

Nilma Lacerda

Sou uma copista. Lançada para fora da Idade Média, meu escritório alimenta a nostalgia de um tempo fervilhante de ideias, os espaços abertos das ruas e praças me consolam da vida outrora apertada em ruelas estreitas, em que privacidade era uma exigência desconhecida, inviável. Percorro as cidades de caderno na mão, anotando escritas sem personalidade a resguardar uma voz coletiva, sem guarida nos canais considerados oficiais. Banidas da imprensa, do espaço da legislação e da academia, essas vozes costumam ser acolhidas, de diversa forma, pela literatura, lugar em que podem repercutir, como discursos espessos. Busco ouvi-las antes disso, capturá-las no momento quase em que se dão a ler, e, com a cumplicidade de papel e lápis, posso alçá-las à condição de registro permanente.

As cidades escrevem, geram escritos, por sua condição mesma de espaço de trocas, de comércio, de suporte à vida literária: “[...] pois a civilização humana não reside nas pessoas enquanto seres biológicos, mas está nas bibliotecas, museus, universidades.” (ROSTAND, 1987, 9. 38). Verdade que as cópias podem trair, transcrever pode trazer consigo trocas, interpretações, esquecimentos. Em viagem, a letra apressada pode não dar legibilidade à palavra e a memória, chamada a exercer suas funções, acabar falhando. É um dos riscos do meu trabalho. Procuo manter vívido o compromisso de fidelidade ao escrito, buscando a maior isenção possível em todo o processo, contemplando igualmente escritos anônimos e aqueles com nome de autor que me ajudam a fazer repercutir os primeiros, de modo que se estendam para bem além da existência efêmera sobre um muro, um monumento.

Quando voltar a Bogotá ao final deste mês de agosto em que falo a vocês, é provável que não encontre as sentidas manifestações pelo décimo aniversário da morte de Jaime Garzón, junto ao monumento de corpo inteiro em bronze, na Avenida La Esperanza, esquina

¹ Estes fragmentos foram apresentados nas Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana 2010, realizadas de 2 a 6/08/2010, em Niterói, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, sob o título “Que escreve esta América? Olhares do *Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina*”.

de Carreras 37. Para além dos que puderam visualizá-la naqueles dias de agosto de 2009, as palavras estão aqui, estarão impressas quando este *Diário* for, enfim, publicado.

Garzón seguiu na contramão do poder instituído, gerou discursos a contrapelo, contradizendo o que saía da boca dos políticos da situação, de grande parte da imprensa e da cultura oficial. Foi assassinado, em crime nunca esclarecido. Eu não teria qualquer informação sobre ele, não fossem um punhado de tijolos, flores vermelhas e os dizeres junto ao monumento. Contradizeres. Como o do franciscano William de Baskerville, respondendo ao noviço Adso de Melk, no célebre romance de Umberto Eco:

– Mas então nós vivemos num lugar abandonado por Deus – disse, abatido.
 – Você encontrou mesmo algum lugar em que Deus se tivesse sentido à vontade? – perguntou
 Guillaume, me olhando de alto a baixo.

(ECO, 1982, p. 187)

Como em todos os demais lugares, não é na América Latina que Deus vai se sentir à vontade. A América Latina, aliás, tem bastante mal-estar para oferecer a Deus. Mas vamos a Bogotá, que visitei pela primeira em 2000. A cada sinal luminoso, uma quantidade significativa de pessoas vinha para o meio da via com o cartaz nas mãos: DESPLAZADO / DESPLAZADA. Em alguns deles, o texto registrava a história do vilarejo, da fuga em busca do direito de não ser massacrado, seja pelas FARC, seja pelos grupos paramilitares que as combatiam. Voltei a Bogotá em 2007, 2009, e o olhar foi para as bibliotecas públicas, seus usuários, suas usuárias, o parque El Tunal, ao pé da maior favela da cidade, formada em grande parte pelos desplazados. Pude ver de perto também alunos e alunas de escolas privadas, que me fizeram observações tranquilizadoras ou perguntas preocupantes: “Você acredita que os pobres tenham futuro?”, indaga uma jovem de 12 anos, aluna do Colégio San Luis de la Policia.

Bogotá, 13 de agosto de 2009

A Jaime Garzon F.
 1960-1999
 Porque definitivamente
 La memoria está
 Olvidada y los gritos
 Silenciados.

Los espacios son
 De nadie y los nadie
 Ya estan
 MUERTOS
 Jaime Garzón

10
 años
 IMPUNES

A letra de *Construção*, de Chico Buarque, em português e em espanhol, escrita com pilot, em uma folha de papel 40 kg, está presa com durex ao pedestal de pedra. Na mão direita da estátua, à frente do corpo, a bandeira da Colômbia. Na esquerda, um ramo de rosas vermelhas, um texto acoplado ao pequeno pedaço de pau que serve de mastro.

El desespero político

Por seguir en poder para fortalecer la clase empresarial a aprovecharlo la inercia mediocridad y frustración del pueblo, seréis juzgados por la corte divina.

Manuel...(irrecuperável)@hotmail.com

Dez tijolos pintados de branco, uma folha de papel colada e uma rosa vermelha sobre cada um deles:

JAIME GARZÓN FORERO

ABOGADO, PERIODISTA Y HUMORISTA

Fecha

Lugar

AGO. 13/1999

Quinta Paredes – Bogotá

ASESINADO

Enquanto tomo essas notas, um homem e uma mulher se acercam, observam. Começo a conversar com eles. O homem é arredio, a mulher se mostra loquaz, vai me dizendo: “Cuando Dios pone alguien que puede hacer algo, el imperio no lo deja, el imperio y sus aliados.” Fala das suspeitas do crime, recaindo sobre o próprio presidente, ou gente chegada a ele. Descreve, com paixão, o enterro de Garzón: “Miles, millones de personas en su velorio, la Plaza Bolívar hasta el espacio de el puente de la calle 26 con Setúbal. Y ¡su gran amigo Andrés Pastrana, que era presidente! Banderas blancas, de paz, muchas, muchas.”

Rio de Janeiro, primeiros dias de setembro de 2009

Irene Vasco, escritora colombiana de quem sou amiga, me envia notícia do jornal *El Tiempo*, de Antioquia, de 31 de agosto de 2009:

Diez militares de la Brigada 17, entre ellos un coronel, están involucrados en la muerte de ocho personas, incluidos dos menores de edad. [...] El 21 de febrero del 2005 hombres de camuflado ingresaron a la vereda Mulatos altos y mataron a Luis Eduardo Guerra con su esposa Bayanira Areiza y su hijo Deyner Andrés Guerra, de 11 años. Después continuaron a la vereda La Resbalosa y masacraron a Alejandro Pérez; Alfonso Bolívar Tuberquia, su esposa Sandra Milena Muñoz (17 años) y sus hijos Natalia (5 años) y Santiago (18 meses). A varios los descuartizaron con machete. Inicialmente el Ejército señaló a las Farc del múltiple crimen. Sin embargo varios testimonios han señalado que en realidad habrían estado involucrados efectivos de la brigada 17 quienes desarrollaban una operación denominada Fénix, y paramilitares del bloque Héroes de Tolová que comandaba Diego Fernando Murillo alias 'Don Berna'.

(http://www.eltiempo.com/colombia/antioquia/sigue-en-pie-juicio-por-masacre-de-8-personas-hace-4-anos-en-san-jose-de-apartado_5932678-1)

Buenos Aires, 11 de setembro de 2009

Na Calle Thames 1717, encontra-se a Fundación Ernesto Sábato. Uma casa simples, de 1914, a porta alta de folha dupla de madeira, as duas janelas com grades. Há o terraço, coberto de verde, que se avista do outro lado da rua. Estendido na vertical, o *banner* traz as informações, em letras negras sobre branco.

E. Sabato
Fundación Ernesto Sábato
Ernesto Sábato
El Tunel
SB
Buenos Aires
1948 – 2008
60° Aniversário

Bastará
decir
que soy
Juan
Pablo
Castel
El pintor
Que mato a
María
Iribarne.

Um operário me atende, o arquiteto mostra a casa, diz onde vai ficar o museu, o escritório. Os cômodos abrem-se para um corredor lateral, externo, cheio de plantas, algumas trepadeiras que alcançam o segundo piso. Saio, atravesso a rua para tomar notas, vejo que a loja Sopa de Príncipe ao lado da casa não é um restaurante como pensava, mas uma fábrica de bonecos. Termino as notas, vou conhecer a loja. Compro um fantoche para Mar, que está no ventre de Débora Wainschenker, uma vaquinha para minha filha Lorena. Sigo pela rua, entro na Boutique del Libro, compro livros, *Antes del Fin*, de Sábato, *Relatos de La Habana*. Amanhã vou a Santos Lugares, à casa de Sábato.

Buenos Aires, 12 de setembro de 2009

Estou em frente à casa de Ernesto Sábato. Telefonei ontem à noite, falei com a secretária. Tomei o táxi, cheguei a casa dele.

Sábato me recebeu em sua casa, ofereceu água e café e me convidou para irmos ao jardim, um jardim que era massa compacta de folhagem, uma noite

vegetal, floresta naquele subúrbio de Buenos Aires. E não se pode deixar de nomear *jardim*, quando a porta da sala se abre, passamos à varanda, tomamos uma pequena alameda. Ligeiramente à minha frente, Sábato prossegue na intimidade do espaço, sem temor, acostumado ao mergulho no terreno úmido, que descortina, uns metros adiante, um clima de cerrado brasileiro.

Ele está me falando de um jaguar que tem ali, e penso em uma escultura, uma estátua de mau gosto, talvez, quando ouço o rosnado, sinto o bafo na nuca. Meus sentidos me desarmam, viro a cabeça para trás, a fera e eu, cara e corpo. (LACERDA, 2007, <http://www.alb.com.br/anais16/conferencias/08nilmalacerda.pdf>)

Ontem me haviam dito que, por recomendação médica, Sábato não pode receber visitas. Não? Mas o jardim, o jaguar?! Que força tem o imaginário! Concebi esse jardim faz dois anos, ao falar em Campinas, sobre as armadilhas da exclusão em leitura, e pus o jaguar a lamber as patas. Frente a mim, o jardim existe, o jaguar, por que não? Este jardim fechado, tuias enormes, costelas-de-adão, maria-sem-vergonha, pata de elefante, clorofito, jasmim de poeta. Silvina me recebe, deixo um ramo de cravos para Sábato e outro de pequenas flores amarelas para sua secretária. Volto ao táxi, estou terminando de tomar minhas notas, e Frontera, o motorista, inteirado do que faço, do que fui fazer ali, começa a me contar sua vida. Voltas e reviravoltas, drogas, perda da esposa e dos filhos, contaminação com o HIV pela namorada, luta, reerguimento : “Acá estoy.” – me diz, assertivo, um tanto melancólico.

Chego a meu destino, despedidas efusivas, a certeza de que nunca mais nos veremos: a história de Frontera está a salvo comigo. Nas mãos, novelo e agulha no hábil crochê que puxa na escrita fios de histórias.

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2009

Há 103 anos, Machado de Assis publicou “Pai contra mãe”, em que Candinho e Arminda percorrem a Rua da Ajuda, ele, caçador de escravos, a persegui-la, ela, escrava, a lutar pela liberdade. Às vésperas do feriado de Zumbi, venho refazer esse percurso com meus alunos da universidade. Algumas das referências de final do século XIX não mais existem, a rua da Ajuda por pouco não perde o nome, tão mínima ficou. O Rio antigo, de que o autor fez sua crônica, é envolvido por moradores de rua com suas casas de papelão. Não é difícil ouvir Candinho nesta tarde de sábado ensolarado, ao prender a escrava e assistir indiferente, tal qual os arranha-céus, ao aborto que ela sofre: “– Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou [...] (ASSIS, 1980, p. 290)

Santiago do Chile, 24 de fevereiro de 2010

Os chilenos orgulham-se das barreiras naturais que protegeram a uva *carmenère* de uma praga mortífera no século XIX. Solícito, o guia esclarece, mais uma vez, o quanto devem

à Cordilheira dos Andes, ao Deserto de Atacama, aos glaciares e ao oceano Pacífico a sobrevivência da espécie, agora única no mundo. Pela segunda vez, cruzo a entrada de La Chascona, a casa que Pablo Neruda fez construir para Matilde Urrutia na cidade de Santiago, no bairro de Bela Vista.

Os objetos enormes que servem à decoração do antigo bar, relógio, sapato, leque, eram usados à frente das lojas da cidade natal do poeta, Temuco. Serviam de letreiros, uma vez que eram muito poucos os que ali sabiam ler.

Jean-François Breq, um jovem historiador, me guia nesta segunda visita à casa. Em sua narrativa, cresce a dor pela morte de Victor Jara, barbaramente torturado e assassinado pela ditadura de Pinochet. As mãos arrebetadas com pistolas, a língua cortada para calar seu canto.

Embora estivesse doente, Neruda morre de desespero em face da ditadura, e é com García Lorca que fala, à hora de morrer: *“Federico, nos están matando a todos.”*

Santiago, 3 de março de 2010, quatro dias depois do terremoto

Cada um dá seu testemunho: uns consideram ter renascido, outros consideram ter vivido uma forte experiência. Sete, oito graus na escala Richter não deixam dúvidas quanto aos danos, sérios, as muitas perdas de vidas. Em Santiago, pouquíssimos danos. A engenharia e a tecnologia antissísmica asseguram vida longa aos arranha-céus de trinta, quarenta andares envidraçados sem a mácula de uma única trinca. Minha narrativa pessoal do terremoto resume-se ao susto e à pergunta íntima, aguardando resposta no decorrer do tremor: vou morrer? Depois, o aprendizado, a tristeza pelas perdas, a solidariedade, manifestada das formas possíveis.

Gera textos, o terremoto, muitos textos. Falam os repórteres, as pessoas comuns, os slogans: *¡Avante, Chile!* Falam os viajantes, os perplexos, o silêncio e o estupor. Continua a falar a cidade, tão logo a rotina é retomada, com a liberação total do metrô, quarenta e oito horas após o tremor.

Sopaipilla

A mi papá le encanta el cerro Santa Lucía. Dice que es como un pulmoncito para nosotros. Él dice que le gustaría llevarme hasta la parte más alta del cerro, pero con mi silla de ruedas le da susto que me pase algo. Así que nos vamos por el parque que está al lado del río, jugando a contar faroles, hasta el puente que está más al fondo, y nos comemos unas sopaipillas en un carrito, a mí me da la risa como suena cuando le ponen mostaza.

Felipe Baraona, 47 anos, Las Condes

Santiago en 100 palabras 2009

Una ciudad que se escribe

www.santiagoen100palabras.cl

Com seus 47 anos e mirada inaugural para o mundo, Felipe Baraona deixa suas palavras para mim. Tivesse tempo, correria a provar as *sopaipillas*, espécie de panqueca, segundo me informaram. Cálida, humana, a cidade me comove, a mim, leitora de mensagens a contrapelo, recolhadora de garrafas lançadas ao mar.

A criação de superfícies para a escrita, um dos movimentos culturais preponderantes nas últimas décadas, faz das cidades contemporâneas um espaço em que se expõem, mais talvez que dizeres, contradizeres à pretensa escrita única da globalização. Ana Maria Machado perguntou, nesse 1º Congresso Iberoamericano de Língua e Literatura Infantil e Juvenil – CILELIJ – interrompido pelo terremoto, até que ponto esta América é Latina, em que medida mantém o laço com o império romano?

Este *Diário de navegação da palavra escrita na América Latina*, em sua tarefa miúda e desimportante, reconhece que se não mais existem laços com a Roma imperial, mantêm-se ainda aqueles outros com a Roma de soldados saídos do vulgo, falando uma língua viva, corrupta porque real, servindo a fazer perguntas, dizer o mal-estar e a pequena felicidade cotidiana.

Referências

ASSIS, J. M. Machado de. *O conto de Machado de Assis*. Org. e int. Sonia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1980.

ECO, Umberto. *Le nom de la rose*. Trad. Jean-Noël Schifano. Paris: Grasset, 1982.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4 ed. Pref. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2002.

LACERDA, Nilma G. Desarmando as armadilhas da exclusão em leitura: o jaguar lambendo as patas. *16º Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas, Unicamp, 2007. Disponível em <http://www.alb.com.br/anais16/conferencias/08nilmalacerda.pdf>

ROSTAND, Jean. *Confidences d'un biologiste*. Textes réunis et présentés par Jean-Louis Fischer. Paris: Editions La Découverte, 1987. p. 38.